

Porque é que 'biopolítica' interessa aos Açores e aos açorianos?

“Podia afirmar que, neste âmbito, a questão que nos seria mais próxima e imediatamente pertinente, é a ambiental. Mas não pretendo fechar a ‘biopolítica’ à reflexão ambiental, nem quero fechar os interesses açorianos ao que importa aos Açores, numa visão centrada no seu umbigo e como se estivessem à margem do mundo devido a uma identidade ilhéu. A identidade açoriana está e tem de estar, necessariamente, integrada no mundo global”, afirma Maria do Céu Patrão Neves.



Maria do Céu Patrão Neves: “Não quero fechar os interesses açorianos ao que importa aos Açores, numa visão centrada no seu umbigo...”

Numa sociedade de consumo, que desperta diariamente à procura do rendimento individual e do lucro empresarial, se há palavras que, à primeira vista, não dizem nada ou dizem pouco ao folhear-se um jornal generalista, é o termo ‘biopolítica’.

Num espaço de leitores, onde a leitura de notícias sobre crimes, acidentes, julgamentos e casos sociais ultrapassa, a longa distância, temas como a actividade política e empresarial, falar sobre a importância da ‘biopolítica’ para o cidadão comum pode ser entendido como um ‘sermão de Santo António aos peixes’.

Foi por isso que lançamos um desafio à professora Maria do Céu Patrão Neves, promotora e organizadora do Seminário ‘Ética, Ciência, Sociedade – Desafios da Biopolítica’, - que se inicia pelas 9h00 da próxima Sexta-feira no Laboratório Regional de Engenharia Civil, com a presença de especialistas internacionais, nacionais e regionais. E o desafio foi: Como se pode relacionar a questão da ‘biopolítica’ com os Açores e os açorianos e como este tema pode interessar ao leitor de um jornal generalista.

E Maria do Céu Patrão Neves, ao seu estilo, meio doce/meio crítico, deu a resposta: “Pede-me para contextualizar esta minha reflexão sobre ‘biopolítica’ no contexto açoriano e no que nos é particular. Podia então afirmar que, neste âmbito, a questão que nos seria mais próxima e imediatamente pertinente, é a ambiental. Mas não pretendo fechar a ‘biopolítica’ à reflexão ambiental, nem quero fechar os interesses açorianos ao que importa aos Açores, numa visão centrada no seu umbigo e como se estivessem à margem do mundo devido a uma identidade ilhéu. A identidade açoriana está e tem de estar, necessariamente, integrada no mundo global, sobretudo no tempo presente em que as tecnologias de informação e comunicação derrubaram todas as fronteiras, inclusive as dos oceanos”.

Quem é Maria do Céu Patrão Neves?

Maria do Céu Patrão Neves é Professor Titular de Ética (com Tenure in Philosophical Anthropology), na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores (Portugal), onde também é responsável pelo ensino e pesquisa sobre ética aplicada (principalmente bioética).

Escreveu cerca de 170 trabalhos, 10 livros e editou outros 8, e actualmente está a liderar a publicação de uma colecção de 12 volumes sobre Ética Aplicada.

É conferencista e palestrante convidada de vários fóruns nacionais e internacionais.

Foi membro do Parlamento Europeu, de 2009 a 2014.

É a promotora e organizadora do Simpósio dedicado à Ética, Ciência, Sociedade: Desafios da Biopolítica.

“Sob esta perspectiva”, continua, “a reflexão biopolítica interessa aos açorianos porque interessa ao mundo e, no dia 24 de Novembro (sexta-feira), no Auditório do Laboratório Regional de Engenharia Civil (LREC), teremos um bocadinho do mundo a pensar sobre estas matérias e é para este debate que todos os açorianos estão convidados não só a assistir mas a participar”.

Para Maria do Céu Patrão Neves, ‘biopolítica’, “à semelhança de tantos outros neologismos criados contemporaneamente para designar novas realidades do nosso tempo, presta-se a múltiplas interpretações”.

“Num plano intelectual mais restrito”, explica, o termo ‘biopolítica’ “remete-nos de imediato ao filósofo francês Michel Foucault que, em 1979, dá um curso, no Collège de France, sobre ‘O nascimento da biopolítica’.

Apresenta então uma nova razão política, uma nova razão governamental ou ‘grande medicina social’ que deve responder aos problemas específicos da vida dos indivíduos no seu conjunto, e das populações. E, nesta perspectiva, a vida passa a fazer parte do domínio do poder, do biopoder”.

O conceito tem vindo, entretanto, a ser utilizado e divulgado por académicos e cientistas que, “à luz das suas preocupações dominantes e objectivos fundamentais, redefiniram-no e o promoveram então como aglutinador e instrumento nos seus respectivos domínios particulares, mantendo necessariamente a definição etimológica do termo como sua base ou fundamentação objectiva”.

É assim que Albert Somit, “um dos pioneiros mundiais do desenvolvimento da biopolítica a perspectiva como um movimento intelectual neo-darwiniano. É assim também que Agni Arvinitatis, “outra pioneira da divulgação de uma biopolítica a perspectiva como uma política de protecção ambiental”.

É ainda nesta sequência que “eu própria me inscrevo no recurso ao termo ‘biopolítica’ numa nova reformulação do seu conceito como conjunto de políticas participativas sobre a gestão dos poderes humanos, por via dos progressos científico-tecnológicos, sobre a vida universal na sua espontaneidade natural”.

“Dedicando-me há décadas à reflexão e normatização dos requisitos éticos da acção humana sobre a vida, o ‘bios’”, prossegue, “tenho defendido que os consensos éticos construídos ao nível da sociedade devem ser plasmados em normativas jurídicas que emprestem a força da sanção às práticas acordadas e que o poder político deve implementar”.

“Assim sendo”, conclui, “a ‘biopolítica’ constitui este terceiro nível de tomada de posição sobre a gestão humana da vida que o anima, em que se integra, mas que o ultrapassa também e não lhe pertence”.

Afinal, uma temática para uma longa reflexão que não é só local, regional ou nacional, mas sim universal e, nesta medida, ‘biopolítica’ é um termo de que cada um dos leitores, sobretudo os mais jovens, mas também os de meia-idade, vai ouvir cada vez mais falar e acabar por apreender como sendo de interesse individual e colectivo a começar na vida de cada qual.

João Paz



Patrocínio da Presidência da República

O Simpósio ‘Ética, Ciência, Sociedade: Desafios da Biopolítica’ tem, entre os seus patrocinadores, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa; e o Presidente do Governo dos Açores, Vasco Cordeiro.

Patrocinam também o Simpósio a Fundação Champalimaud, presidida por Leonor Beza; a Fundação Francisco Manuel dos Santos, presidida por Jaime Gama; e a Fundação Luso-Americana, presidida por Vasco Rato.

São ainda patrocinadores do evento António F. Fernandes, Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas; Jorge Santos, Presidente do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida; e Carlos Salema, Vice-presidente e Presidente da Classe de Ciências da Academia de Ciências.

O evento tem como patrocinador regional o Grupo Bensaude.

O programa do Seminário

A sessão de abertura do seminário vai ser presidida por Rui Bettencourt, Secretário Regional da Presidência para as Relações Externas, em representação do Presidente do Governo dos Açores.

Da mesa inaugural vão fazer parte Jorge Gabriel, Administrador da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento; e Maria do Céu Patrão Neves, como Coordenadora do Simpósio.

Durante a manhã do dia 24 vão ser abordados temas como o desenvolvimento da biotecnologia e o seu impacto social; como as biotecnologias estão a moldar as sociedades; o impacto da bioética nas políticas públicas; gerando-se, depois, um debate sobre a interacção entre Ética, Ciência e Sociedade.

Durante a tarde os presentes vão visitar a biopolítica, o conceito, história, realidade actual e desenvolvimento futuro; objectivos da Biopolítica; seguindo três workshops, o primeiro dos quais sobre saúde pública, novas realidades e desafios (Jorge Simões). O segundo vai versar a guerra biológica: desafios de segurança internacional (Nuno Rogeiro); e o terceiro vai abordar as questões ambientais: desafios actuais e futuros (Viriato Soromenho-Marques).

Albert Somit

“O comportamento político é moldado por influências do ensino e de origem biológica”

Para Albert Somit, Presidente Emérito da Universidade de Southern Illinois, a ‘biopolítica’ designa “um movimento intelectual neo-darwiniano, desenvolvido por cientistas políticos norte-americanos, que relaciona a política com a biologia”. Não se reporta, pois, à perspectiva com que o filósofo Michel Foucault cunha o termo, isto é, como modo de governo através do biopoder, através do poder político sobre todos os aspectos da vida humana.

Albert Somit vai explicar em Ponta Delgada as razões da sua posição:

“A ‘Biopolítica’, desafiando o ponto de vista dominante na ciência política americana, insiste em que o comportamento político é moldado por influências do ensino e de origem biológica”, afirma.

“Tais influências”, refere, “são de dois tipos: primeiro, o comportamento pode ser afectado pela idade, género, doença, fadiga, dor e malnutrição, etc.; segundo, como primatas sociais, os nossos comportamentos são influenciados por tendências que evoluíram durante milhões de anos”.

Em sua opinião, “vivemos numa hierarquia social e em estruturas políticas caracterizadas por manifestas diferenças de acesso às necessidades e amenidades da vida e partilhamos muitos dos comportamentos de domínio-submissão associados a tais estruturas. Mas diferimos também dos outros primatas sociais: temos inteligência superior, desenvolvemos culturas extraordinariamente complexas – e verdadeiramente singulares, evoluímos a capacidade de criar, acreditar, até matar e morrer por ideais, indo contra as nossas inclinações inata”.



Albert Somit

“Vivemos numa hierarquia social e em estruturas políticas caracterizadas por manifestas diferenças de acesso às necessidades e amenidades da vida e partilhamos muitos dos comportamentos de domínio-submissão associados a tais estruturas”

O objectivo da biopolítica, conclui “é compreender melhor o nosso comportamento político; depois, propor políticas que possam permitir à nossa espécie enfrentar os desafios de um mundo alterado, nuns meros 15.000 anos, de grupos dispersos, raramente maiores do que 50-75 membros, para 7 mil milhões em 200 nações. Este é o desafio.”

Quem é Albert Somit

Albert Somit é um pioneiro no domínio da biopolítica, tendo organizado, em 1973, a Comissão de Investigação sobre ‘Biologia e Política’ da Associação de Ciência Política – a primeira organização a reconhecer a ‘biopolítica’ como uma nova disciplina.

Em 1980 esteve entre os fundadores da Associação para a Política e as Ciências da Vida.

Entre as suas publicações no domínio da Biopolítica destacam-se “Toward a More Biologically Oriented Political Science” (1968), *Biology and Politics* (1976), e com Steven Peterson, *Darwinism, Dominance, and Democracy: The Biological Bases of Authoritarianism*, (1997); o seu *Handbook of Biology and Politics* foi publicado em 2017. Albert Somit e Steven Peterson são os co-editores da série *Research in Biopolitics*.

Albert Somit e Steven Peterson são os co-editores da série ‘Pesquisa em Biopolítica’.

Agni Vlavianos Arvanitis

A política empregue no “espírito de criar uma sociedade de esperança no futuro”

Para Agni Vlavianos Arvanitis, a ‘biopolítica’ refere-se, essencialmente, à elaboração e implementação de políticas de protecção ambiental, tomando o ‘bios’, ou ‘vida’, numa perspectiva holista.

Agni Arvanitis defende, por isso, que a ‘biopolítica’ nasceu “do amor pela biologia e da crença de que bios (vida) é o elo que une todos os povos”.

Em seu entender, o termo ‘política’ é empregue “no sentido platónico, no espírito de criar uma sociedade de esperança no futuro”.

Até agora, como diz, “não se encontrou bios (vida) em outro planeta. Pode existir, mas é nossa responsabilidade única assegurar a continuidade na Terra deste tão importante do”. E, em seu entender, “isso requer reformas e revisões em políticas e educação, e a mobilização dos média e de cada cidadão empenhado”.

Para Agni Arvanitis “ao pôr em prática uma visão ambiental, a ‘biopolítica’ encoraja os povos de todo o mundo a fazerem-se ouvir sobre as alterações climáticas e o abuso ambiental, e procura inspirar governantes globais a implementar estratégias urgentes e concertadas para salvar toda a vida no nosso planeta.”

Agni Vlavianos Arvanitis irá intervir no Simpósio ‘Ética, Ciência e Sociedade: Desafios para a Biopolítica’ “precisamente para mostrar como a ‘biopolítica’ pode contribuir para a construção de uma sociedade da esperança, na medida em que corresponde a uma política com bios (vida) e o ambiente no coração da tomada de decisão para to-



Agni Vlavianos Arvanitis

“Ao pôr em prática uma visão ambiental, a ‘biopolítica’ encoraja os povos de todo o mundo a fazerem-se ouvir sobre as alterações climáticas e o abuso ambiental, e procura inspirar governantes globais ...”

dos os sectores, no sentido de mobilizar todas as nações a assumirem o compromisso ético de mitigarem as alterações climáticas, procurando também, através dos média e de canais de educação, envolver todos os indivíduos do planeta na implementação desta campanha universal”.

Quem é Agni Arvanitis

Agni Arvanitis fundou a Organização Internacional de Biopolítica, em 1985, a qual envolve hoje cerca de 165 países, para promover a cooperação internacional e a educação para a protecção ambiental, mantendo-se ainda hoje como sua presidente.

Tem leccionado e investigado em universidades nos Estados Unidos, Paris e Atenas e os seus trabalhos têm tradução em seis línguas.

A sua extraordinária actividade tem-se desenvolvido em muito diversas e prestigiadas instituições como ejam: World Academy of Art & Science, Vienna Economic Forum, Board of the European Generation Foundation, International Bioethics Society, Board of the Euro-Arab Cooperation Center, Academic Committee of the Regional Interdisciplinary Program for Bioethics in Latin America, Board of the Journal of Cleaner Production, Corresponding Member of the Pontifical Academy for Life, Member of Transparency International.

É Professora Honorária de St. Petersburg Technological University, e Doutora Honoris Causa da Mendeleyev University Moscow.